

Newsletter especial

Um Acidente Geográfico

Did you know? Volta e meia, calha na conversa alguém comentar – geralmente num idioma que não o português – que a língua portuguesa é umas das línguas mais faladas do mundo. *¿En serio? C'est incroyable!* É um facto que não deixa de surpreender os falantes de outros idiomas, mas que provoca ainda maior espanto em qualquer um dos cerca de 250 milhões de falantes de português.

Puxa!; dizemos nós. *É mesmo inacreditável.* E depois calamo-nos muito bem caladinhos. Ou seja, paramos de falar. Ou seja, por um momento, não somos falantes de língua nenhuma. Emigramos para o silêncio, para a melancolia. Ficamos a pensar com os nossos botões: se o português é efetivamente uma das línguas mais faladas do mundo, porque nos sentimos – nós, os 250 milhões de falantes – tão isolados, tão órfãos, tão mal-amados? Se falamos a mesma língua, não nos deveríamos compreender mutuamente? Se somos assim tão próximos, porquê esta distância? Se somos tantos, porque nos sentimos tão poucos?

Estaremos a ser irrazoáveis? Insensatos? Será que esta nossa perceção está assim tão desfasada da realidade? Será que falamos realmente a mesma língua? Se não, isso é mau? Isso é bom? Isso é assim-assim?

Olho para o mapa do mundo que nos mostra os países de língua oficial portuguesa. Deteto algumas manchas aqui e ali e depois uns quantos pontos.

Enumero então três factos que também suscitam admiração em qualquer falante de qualquer língua:

1. Nenhum dos territórios de língua portuguesa faz fronteira entre si.
2. Todos os países que têm o português como língua oficial se situam à beira-mar.
3. Uma boa parte do território de língua portuguesa é constituída por arquipélagos e penínsulas.

O que quer isto dizer então sobre a língua portuguesa? Mais importante ainda, o que quer isto dizer sobre os cerca de 250 milhões de falantes deste idioma?

Uma constatação óbvia: a língua portuguesa é,

5

Dia Mundial da Língua Portuguesa de maio

“

A mim, enquanto linguista e escritora, interessa-me o que temos em comum, claro, mas, mais ainda, o que não temos em comum. Interessa-me a diversidade, a riqueza extraordinária de uma língua feita de diversos sotaques, variantes, dialetos, crioulos. Para quê unificar o que é diverso? Para quê controlar o indomável?

Ana Pessoa



Newsletter especial

ela própria, um acidente geográfico. É um idioma partido aos bocados. É uma língua feita de vento, mar, falésias, penhascos, ilhas montanhosas, vulcânicas, isoladas, cercadas por mar e que, por isso mesmo, nem sempre consegue cumprir a sua finalidade original, que é a de comunicar. É uma língua feita também de silêncios, distância, mal-entendidos. Uma língua que parece ser feita de restos, vestígios, conchas, pegadas, nevoeiro. A mim, enquanto linguista e escritora, interessa-me o que temos em comum, claro, mas, mais ainda, o que não temos em comum. Interessa-me a diversidade, a riqueza extraordinária de uma língua feita de diversos sotaques, variantes, dialetos, crioulos. Para quê unificar o que é diverso? Para quê controlar o indomável?

Os 250 milhões de falantes falam português, mas não comunicam entre si. Eu, enquanto portuguesa, nunca estive exposta ao crioulo da Guiné, não conheço a nova poesia moçambicana, não compreendo as canções de Mayra Andrade, não conheço escritores brasileiros, não consigo sequer ter acesso aos livros que se publicam noutros países de língua portuguesa. E portanto, sim, somos muitos, mas parecemos poucos. Ou o contrário: somos poucos, mas parecemos muitos.

A verdade é que não existe um verdadeiro intercâmbio. Para nos encontrarmos, para sairmos das nossas bolhas, dos nossos arquipélagos e penínsulas, é preciso que exista essa vontade política de encontro e troca. É preciso levar estudantes timorenses ao Brasil, é preciso promover encontros entre escritores lusófonos, é preciso provocar a reunião, a interação, compreensão, a fusão. Não com o intuito de falarmos a mesma língua, mas com o intuito de nos entendermos. Não com o intuito de unificar o que já é diverso, mas como intuito de celebrar essa diversidade.

Numa altura em que se celebra o 25 de abril, que veio libertar nações e povos, chegou a hora de libertar os falantes, soltar a língua, perceber de uma vez por todas que somos muitos, mas que também somos necessariamente diferentes e únicos e que todos nós temos direito a essa diferença, à divergência, à transformação, à liberdade.

Ana Pessoa, escritora



“

"A língua portuguesa é o idioma que nos oferece um lar no mundo."

João Iobato, DGAE

"A língua portuguesa é, para o bem e para o mal, o espelho da alma portuguesa; que possam, ambas, nunca cessar de evoluir!"

Marina Clara Sineiro, DGAE

"Em português comunicamos, em português nos entendemos e é português que ensinamos, como língua materna, língua segunda ou língua estrangeira."

Josete Perdigão, DGAE

"Língua Materna, Língua Não Materna, Língua Segunda, Língua Gestual, Língua Estrangeira, Língua de Acolhimento, dependendo do olhar, a língua portuguesa pode ter tantas vertentes, mas cria identidade, pertença e união."

Irene Louçano, DGAE